

## LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DA VEGETAÇÃO RIPÁRIA NO OESTE PAULISTA, BRASIL: RIO DO PEIXE

Luana Tiemy Nakajima (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Jéssica Magon Garcia, Carlos Eduardo Bento Fernandes, Aline Gabriele dos Santos, Camila Cristina Leme Bana da Silva, Mariza Barion Romagnolo (Coorientadora), Kazue Kawakita (Orientadora)  
E-mail: kazue@nupelia.uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Biológicas, Maringá, PR

**Área e subárea do conhecimento:** Ciências Biológicas/Botânica

**Palavras-chave:** Floresta Estacional Semidecidual; mata ciliar; Parque Estadual do Rio do Peixe.

### RESUMO

O levantamento florístico de comunidades vegetais é crucial para embasar iniciativas de preservação e conservação de remanescentes florestais, além de apoiar a recuperação de áreas degradadas. No Parque Estadual do Rio do Peixe, no oeste paulista, Brasil, remanescentes de vegetação nativa apresentam espécies características da região. Este estudo visou realizar um levantamento florístico da vegetação ripária do rio do Peixe (21°41'3,31"S-51°33'16,75"O) utilizando a metodologia de caminhamento em diferentes habitats. Foram amostradas 17 famílias e 30 espécies, distribuídas em 11 arbustos, 10 ervas, 7 lianas e 2 árvores. Cinco espécies foram classificadas como pouco preocupantes, enquanto 25 não foram avaliadas quanto ao risco de extinção. Observou-se 29 espécies terrícolas e uma aquática. *Celtis iguanaea*, *Inga vera* e *Nectandra angustifolia* foram identificadas como zoocóricas. Das espécies levantadas, 27 são nativas e 3 são naturalizadas. Este levantamento evidenciou a diversidade biológica da área, mesmo diante de significativa degradação ambiental. Os resultados são essenciais para a formulação de estratégias de conservação e recuperação, oferecendo uma base sólida para a compreensão da flora local e a identificação de espécies prioritárias para proteção.

### INTRODUÇÃO

Estudos sobre a composição florística de comunidades vegetais são fundamentais para embasar quaisquer iniciativas de preservação, conservação dos remanescentes florestais e desenvolvimento de modelos de recuperação de áreas degradadas. No oeste paulista, por exemplo, tem-se o sistema rio-planície de

inundação do Parque Estadual do Rio do Peixe (PERP) que apresenta uma rica diversidade florística e fitofisionômica, sendo um ambiente de grande importância ecológica. A vegetação natural do PERP é representada por um mosaico de fitofisionomias em áreas inundáveis e não inundáveis que margeiam o rio do Peixe e também por florestas ripícolas associadas a pequenos cursos d'água (SÃO PAULO, 2010).

As áreas de vegetação ripária desempenham um papel fundamental na manutenção da biodiversidade e na regulação dos ecossistemas fluviais. Este estudo tem como objetivos: a) realizar um levantamento da composição florística e fitofisionômica da vegetação ripária no sistema rio-planície de inundação do rio do Peixe; b) elaborar uma lista das espécies herbáceas, arbustivas, arbóreas e trepadeiras presentes na área; c) identificar espécies nativas, exóticas, invasoras, raras ou endêmicas através de coletas periódicas.

## MATERIAIS E MÉTODOS

### *Área de estudo*

O rio do Peixe (21°41'3,31"S - 51°33'16,75"O) está localizado no Parque Estadual do Rio do Peixe (PERP), no extremo oeste paulista, Brasil. Abrange os municípios de Ouro Verde, Dracena, Presidente Venceslau e Piquerobi. O clima é tropical com estação seca (Aw) (Köppen-Geiger). A precipitação anual é de cerca de 1.250mm e a temperatura média superior a 18°C. O substrato geológico aflorante é constituído por rochas vulcânicas e sedimentares da Bacia do Paraná de idade mesozóica e depósitos aluvionares de idade cenozóica. A vegetação do PERP pertence ao Bioma Mata Atlântica e à região fitoecológica Floresta Estacional Semidecidual. As principais formações vegetacionais do parque são a Floresta Estacional Semidecidual Submontana em diversos estágios de regeneração e vegetação de várzea (SÃO PAULO, 2010).

### *Metodologia*

O material botânico foi obtido a partir de três campanhas de cinco dias cada, vinculadas ao desenvolvimento do projeto "Morfologia fluvial, variabilidade/mudanças climáticas e conectividade nos sistemas aluviais do baixo curso dos rios Aguapeí e Peixe, Oeste Paulista, Brasil" (Processo 408949/2021-0). As coletas foram realizadas pelo "método do caminhamento" (FILGUEIRAS et al., 1994, p. 39), com amostragens ao longo de linhas imaginárias, em uma parcela de 100 m<sup>2</sup> nos diferentes habitats. Além disso, coletas complementares segundo o "método do levantamento rápido" (WALTER; GUARINO, 2006), foram realizadas, com pelo menos três caminhadas em linha reta na vegetação. Foram feitas coletas de todas as espécies herbáceas, arbustivas, arbóreas e trepadeiras encontradas com material botânico reprodutivo. As amostras foram etiquetadas, prensadas,

acervadas no Herbário do Nupélia (HNUP) e posteriormente identificadas, utilizando chaves de identificação, comparações com exsicatas dos herbários HNUP e Herbário da Universidade Estadual de Maringá (HUEM) e consulta a especialistas, quando necessário. A partir das identificações, foi elaborada uma lista da flora vascular com dados compilados na flora do Brasil (Flora do Brasil 2020 em construção) e outras literaturas pertinentes. Também foi realizada uma busca no *speciesLink* para verificar se já existe material coletado no PEA e arquivado em outros herbários, os quais foram incluídos nos resultados deste projeto.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento florístico identificou 17 famílias e 30 espécies na vegetação ripária do rio do Peixe. Das 17 famílias, as mais representativas foram: Asteraceae (5 espécies), Poaceae (5 espécies), Fabaceae (4 espécies), Convolvulaceae, Lamiaceae e Onagraceae (2 espécies cada), e as demais 10 famílias, com uma espécie cada. A composição observada incluiu 11 arbustos, 10 ervas, 7 lianas e 2 árvores. Em relação à ameaça de extinção, foram identificadas 5 espécies como pouco preocupantes, enquanto 25 espécies não foram avaliadas quanto à ameaça. Observou-se 29 espécies terrícolas e uma aquática. Quanto às síndromes de dispersão, *Celtis iguanaea*, *Inga vera* e *Nectandra angustifolia* são zoocóricas. Em termos de origem, foram encontradas 27 espécies nativas e 3 naturalizadas: *Emilia sonchifolia*, *Urochloa arrecta* e *Urochloa brizantha*. Dentre essas três, *Urochloa arrecta* se destaca por ser altamente invasora em lagoas, rios e reservatórios.

A análise das famílias mais representativas, como Asteraceae e Poaceae, sugere que a composição florística da região é caracterizada por táxons com adaptações específicas ao ambiente ripário, o que favorece a resiliência ecológica da vegetação diante de perturbações. A presença de *Urochloa arrecta*, uma espécie invasora significativa, levanta preocupações sobre seus impactos potenciais na dinâmica da comunidade vegetal nativa. Espécies exóticas invasoras são conhecidas por alterar a composição da flora local, competir por recursos e degradar habitats nativos. Portanto, o controle da expansão de *Urochloa arrecta* e de outras espécies invasoras é crucial para a conservação das comunidades vegetais nativas e dos serviços ecossistêmicos que essas áreas proporcionam.

A predominância de espécies nativas destaca a importância das áreas ripárias como refúgios de biodiversidade em um contexto de degradação ambiental significativa, exacerbada pelo desmatamento e pela expansão da monocultura de cana-de-açúcar na região, que contribui para a fragmentação dos ecossistemas locais. A catalogação de 5 espécies como "pouco preocupantes" e 25 como "não avaliadas" quanto ao risco de extinção indica a necessidade de uma avaliação mais detalhada

do estado de conservação da flora local. A ausência de dados sobre a vulnerabilidade de muitas espécies identificadas revela uma lacuna no conhecimento e a necessidade de estudos adicionais que abordem as pressões antrópicas e as mudanças climáticas, fatores determinantes para a conservação da biodiversidade em regiões ripárias.

A diversidade de formas de vida observadas, como arbustos, ervas, lianas e árvores, evidencia a complexidade da estrutura da vegetação ripária e seu papel fundamental na manutenção da biodiversidade. A presença de diferentes estratos vegetais também sugere um habitat diversificado, que pode fornecer abrigo e alimento para diversas espécies de fauna, especialmente aves e insetos polinizadores, essenciais para a integridade ecológica do sistema.

## CONCLUSÕES

Os resultados obtidos contribuem de forma significativa para a elaboração de estratégias de conservação e recuperação de áreas degradadas principalmente por ações antrópicas, pois fornecem uma base sólida para a compreensão da flora local e a identificação de espécies prioritárias para proteção dessa região.

**AGRADECIMENTOS:** Ao CNPq pela bolsa concedida à primeira autora e ao CNPq pelo financiamento do projeto (Processo 408949/2021-0).

## REFERÊNCIAS

- FILGUEIRAS, T.S. *et al.* 1994. Caminhamento: um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. **Cadernos de Geociências**, v. 12, p. 39-43. SÃO PAULO - Governo do estado. SEMA - Secretaria do Meio Ambiente. 2010. **Plano de manejo Parque Estadual do Rio Aguapeí. II.** Disponível em [https://smastr16.blob.core.windows.net/fundacaoflorestal/2017/01/2\\_iniciais\\_introducao\\_enfoques\\_descricao.pdf](https://smastr16.blob.core.windows.net/fundacaoflorestal/2017/01/2_iniciais_introducao_enfoques_descricao.pdf). Acesso em 09 abril 2022.
- WALTER, B.M.T.; GUARINO, E.S.G. 2006. Comparação do método de parcelas com o “levantamento rápido” para amostragem da vegetação arbórea do Cerrado sentido restrito **Acta bot. bras.** 20(2): 285-297. 2006.